



Luiz Carlos Sá

# Herói da Desistência

**O** empresário Guilherme Araújo tinha seu escritório num prédio da Avenida Copacabana, em cima do cinema Ricamar. Na galeria, uma lanchonete servia o melhor sanduíche de salaminho do planeta. Contratados pelo mesmo Guilherme, eu e Caetano às vezes descíamos lá para saborear a especialidade da casa. Sentávamos no balcão, ele sorrindo mais do que falando, eu falando mais do que sorrindo. Eu tinha grande admiração por aquele jovem baiano de cabelos longos e encaracolados, admiração vinda de alguns momentos de folga no escritório de Guilherme, onde jogávamos uma conversinha fora e nos mostrávamos músicas. Eu adorava *Domingo e É de Manhã*. Ele parecia gos-

**“Quando ‘O Sol’ deixou de circular, passei por uma tremenda crise existencial. Eu amava a nova e frustrada carreira jornalística”**

tar também do que ouvia junto com sua amiga Gracinha, a Maria da Graça, uma menina tímida e dengosa cujo nome Guilherme queria mudar para Gal Costa e que adorava uma música minha chamada *Siá Menina*. Nessa época, eu estava lentamente migrando dos antecedentes de legítimo compositor de “protesto” - cabelo curto, óculos de intelectual, et cetera, et cetera - para uma tendência musical mais simples e regionalista. Ainda assim, acreditava exageradamente pop o “Gal” que Guilherme impusera a Gracinha. Guilherme queria me convencer que o futuro da música brasileira era pop. Eu contestava: achava que íamos cair para o regionalismo, numa espécie de “nacionalismo de resistência”, e que a onda pop que começava a atropelar o mundo, comandada pelos Beatles pré-Sgt. Pepper’s, não duraria muito. Guilherme estava certo e eu errado. Ele lançou Gil, Gal, Bethânia e Caetano de acordo com a sua cartilha. Depois, ‘tropicalismizados’, eles fizeram seu próprio caminho.

Paralelamente às minhas atividades musicais eu tinha sido levado por minha amiga Tetê Moraes, hoje cineasta, a um curso prático de Jornalismo, comandado pelo poeta e designer gráfico Reynaldo Jardim, que tinha por objetivo editar um suplemento cultural para o Jornal dos Sports chamado “O Sol”, cuja história já contei em coluna anterior e pode ser melhor entendida assistindo-se ao documentário *Caminhando Contra o Vento*, que Tetê lançou no ano passado. Quando “O Sol” deixou de circular, passei por uma tremenda crise existencial. Eu amava a nova e frustrada carreira jornalística. Já meu boom musical dos meados da década, quando fui gravado por gente importante como Pery Ribeiro, Nara Leão e MPB4, revelara-se uma espécie de “bolha de sucesso”, implodida pela censura e pela minha aversão a concessões. Resolvi então desistencializar de vez a vida de músico e partir para alguma outra coisa mais pé-na-terra. Embora eu estivesse me formando em Direito, não tinha a menor vontade de partir para esse lado. Além disso, eu queria casar.

Mais uma vez a sugestão veio de Tetê. Uma sugestão, aliás, que podia parecer inusitada, mas estava de acordo com minha vontade de viajar, conhecer o mundo, sair por aí:

- Vamos fazer concurso para o Itamaraty...

- Como é que é?

- É... Eu, a Vera e o Roberto vamos fazer o concurso para Oficial de Chancelaria. É uma porta aberta para o Rio Branco. E dá uma boa graninha. Porque você não faz também? Com teu curso de Direito é moleza.

Como diria Caetano, algum tempo depois, por que não? Assim dito, assim feito. Antes que eu me desse conta lá estava eu de terno batendo ponto no vetusto palácio da Visconde de Inhaúma. Mal passados dois anos daquilo, eu já estava de saco cheio da interminável burocracia oficial, da máquina de escrever memorandos inócuos e dos empolados chefes de divisão, que – com raras e honrosas exceções – eram puxa-sacos contumazes capazes de fazer qualquer coisa por um posto no exterior. Minha paixão pela carreira acabou de evaporar-se quando fui impedido de sair do palácio para aderir à passeata antiditadura dos cem mil por uns canas que me puseram as mãos no peito:

- Se for à passeata, tá fora a bem do serviço público! – foi berando o Brucutu-mor de plantão – Estamos de olho em você!

Atarantado pela brutalidade, voltei – para meu eterno arrependimento e em prol do aprendizado de jamais baixar de novo a cabeça – à minha seção, onde o chefe triunfava:

- Hoje esses comunas vão é apanhar!

Mas foram outros dois acontecimentos que me fizeram decidir deixar de vez aquilo que eu acreditava ser minha “segurança”. Um belo dia, encarapitado no alto de uma escada na biblioteca de minha divisão, ouvi alguém me chamar lá de baixo:

-Ei!

Olhei e lá estava o Guarabyra, naquela época não ainda parecido, mas já muito amigo, com seu sorriso gozador:

-Desce daí, cara! Tá fazendo o que aí em cima? Você é músico!

Sorri amarelo. Ele tinha razão. Dias depois, fui com meu amigo Ricardo Lins de Barros a uma festa na casa de Bernard Campos, diretor do grupo Jornal do Brasil. Sabedor das minhas aflições, Ricardo puxou o papo com Bernard:

- Bernard, o Luiz Carlos está louco para largar o serviço público e partir para uma coisa mais chegada à música, que é o lance dele.

Bernard, embalado pelas músicas que eu tinha acabado de tocar na festa, não se fez de rogado:

- Aparece lá no jornal na segunda!

E lá fui eu, casadinho de novo, ser programador da Rádio JB, que, embora conservadora e dirigida às classes A e B, era uma das campeãs de audiência na época.

Eu fui um programador rebelde. Já a bordo do navio pop do final dos 60, enfiava Rolling Stones numa rádio que mal admitia Carole King. Mas o que me importava é que eu estava conseguindo voltar às minhas origens. No final das férias, pedi demissão do Ministério. Cumprindo meu aviso prévio, fui surpreendido no departamento por um chamado do meu chefe à sua sala. A arrogância dele desaparecera por completo:

- Luiz Carlos... ahn...você está sendo convocado pelo chanceler..

“O chanceler” era Magalhães Pinto, ministro das Relações Exteriores do governo Costa e Silva. Não entendi nada. O que o ministro ia querer comigo? Eu era um reles oficial de Chancelaria, como outros tantos.

**“No final das férias, pedi demissão do Ministério. Cumprindo meu aviso prévio, fui surpreendido no departamento por um chamado do meu chefe à sua sala”**

**“Ainda surpreso pelo interesse do ministro, comecei uma longa exposição das razões da demissão. Falei da minha vocação musical e jornalística”**

Na ante-sala do ministro, fiquei deslumbrado com as paredes adamecadas, os estofados vermelhos, os dourados de outro século... Que diabo o Magalhães queria comigo? Um assessor me abriu as portas para o gabinete. O ministro exibia um sorriso afável:

- Senta aí, Luiz. Fica à vontade.

Sentei-me, mas não fiquei nada à vontade. Estava diante de um ministro da ditadura.

- Você está querendo ir embora, é isso? - emendou ele.

Ainda surpreso pelo interesse do ministro, comecei uma longa exposição das razões da demissão. Falei da minha vocação musical e jornalística e da decepção com o excesso de burocracia e ausência de poder decisório dos Oficiais de Chancelaria. Devo ter falado uma meia hora. Magalhães pareceu impressionado pela minha firmeza de propósitos. Propôs-me uma licença sem vencimentos para que eu pensasse melhor, que não aceitei. Perguntou-me sobre minhas intenções quanto à carreira diplomática e sobre outros detalhes da minha vida. Continuei perplexo. Como ele sabia tanto de mim?

Despedimo-nos enfim com um cordial aperto de mão, ele lamentando não ter conseguido mudar minhas intenções e eu, a contragosto, impressionado pelo carisma e simpatia que irradiavam daquele pequeno homem completamente calvo e sem nada de especial senão o poder. Na volta à minha sala, fui bombardeado por meu chefe com dezenas de perguntas. Tive o prazer de responder a verdade:

- O ministro me pediu para não sair. Mas eu vou.

O cara quase teve um troço. Só anos depois fui descobrir que uma vizinha íntima de nossa família, vendo a aflição de minha mãe diante da resistência que eu mostrava à segurança de um emprego público, resolvera intervir: mineira e amiga de infância de Magalhães, fizera com que ele tentasse me demover da demissão. Mas era tarde demais: eu já estava voltando para a música, caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento.

